

Teocomunicação

Revista de Teologia da PUCRS

Programa de Pós-Graduação em Teologia
Escola de Humanidades

Porto Alegre, v. 47, n. 1, p. 74-85, janeiro-junho 2017

doi <http://dx.doi.org/10.15448/1980-6736.2017.1.27479>

OUTROS DIÁLOGOS

O diálogo entre o Anjo e a Virgem: análise do processo comunicativo da perícope de Lc 1,26-38

*The Dialogue between the Angel and the Virgin:
a Communicative Process Analysis of the Pericope of Lk 1:26-38*

Diones Rafael Paganotto*

RESUMO

Lc 1,26-38 é um dos principais textos mariológicos, tradicionalmente conhecido como o anúncio do anjo Gabriel à virgem Maria. A perícope já foi analisada sob vários pontos de vista com o uso de distintas abordagens diacrônicas e sincrônicas. O presente artigo valorizará o texto no seu estado final, ou seja, avaliará os vários elementos presentes no diálogo entre o anjo e a virgem em função do processo comunicativo que autor propõe ao leitor. De fato, o próprio texto já contém os elementos necessários para compreender a sua proposta comunicativa, visto que o anjo propõe algo à virgem e também ao leitor, logo o diálogo não é fechado em si, mas provoca uma reação no leitor.

PALAVRAS-CHAVES: Virgem Maria. Anjo Gabriel. Diálogo. Processo comunicativo.

ABSTRACT

Lk 1:26-38 is one of the principal mariological texts, traditionally known as the announcement of the angel Gabriel to the virgin Mary. The pericope has already been approached from various points of view using different diachronic and synchronic methods. This article will value the text in its final state, that is, it will analyze many elements present in the dialogue between the angel and the virgin looking at the communicative process that author proposes to the reader. In fact, the text itself already contains the elements necessary to understand its communicative proposal. Indeed, the angel communicates something to the virgin and also to the reader, the dialogue is not closed in on itself, but causes a reaction in the reader.

KEYWORDS: Virgin Mary. Angel Gabriel. Dialogue. Communicative process.

*Doutorando em Teologia Sistemática/Bíblica pela FAJE de Belo Horizonte (MG). Professor da FAJOPA de Marília (SP). E-mail: <frdiones@hotmail.com>.



Este artigo está licenciado sob forma de uma licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que a publicação original seja corretamente citada. http://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR

1 INTRODUÇÃO

O ano de 2017 privilegia a reflexão teológica em torno da figura de Maria de Nazaré, defronte a dois eventos singulares: os 300 anos do encontro do ícone de Nossa Senhora da Conceição nas águas do Rio Paraíba, marcando o início da devoção mariana com o título de Aparecida no Brasil; e os 100 anos do início das aparições na cidade de Fátima, Portugal. Toda a reflexão teológica tem a Sagrada Escritura como ponto de partida, por isso é oportuno refletir acerca da figura de Maria através do texto inspirado a fim de valorizar os eventos jubilares e fomentar a pesquisa teológica.

A perícopes de Lc 1,26-38¹ será analisada sob o ponto de vista da comunicação de uma mensagem. Elementos relacionados à sintaxe, à semântica e à pragmática serão utilizados para compreender a estratégia do evangelista para transmitir uma mensagem ao leitor. Logo, a análise proposta será sincrônica, já que abordará a perícopes em seu estado final e a relacionará como o Evangelho lucano na sua totalidade.²

O método pragmatolinguístico oferecerá uma contribuição valiosa nesse processo,³ já que analisa a ação do autor sobre os leitores, ou seja, como o evangelista guia o caminho dos seus interlocutores e como deseja formá-los teologicamente, tanto o leitor real/histórico como aquele implícito/modelo.⁴

Uma primeira e rápida leitura de Lc 1,26-38 chama a atenção do leitor para vários elementos, dentre os quais dois merecem inicialmente destaque e serão úteis ao longo da análise comunicativa:

- Após uma detalhada introdução narrativa (1,26-27), o diálogo discursivo entre o anjo Gabriel e a virgem Maria ocupa todo o texto (1,28-38), mas esse diálogo é ímpar, pois as intervenções angélicas são extensas, enquanto que a participação humana é brevíssima.
- A quantidade de verbos na perícopes é baixa, uma vez que dos 210 lexemas, apenas 36 são verbos (17,1%), já os personagens e suas características ocupam um lugar privilegiado e exigem do leitor um imaginário detalhado acerca daquilo que é proposto pelo autor.

É possível, assim, perceber que o processo comunicativo privilegia os personagens, suas características e a mensagem transmitida por eles, evitando o desencadeamento de muitas ações verbais e concentrando-se no essencial.

2 OS MOVIMENTOS COMO AMBIENTAÇÃO DO DIÁLOGO

2.1 Introdução narrativa

Uma indicação temporal inicia a perícopes: Ἐν δὲ τῷ μηνὶ τῷ ἔκτῳ (No mês sexto). Um indício que situa o texto ao interno dos capítulos iniciais da obra lucana:

¹ O texto utilizado provém de: NESTLE-ALAND. *Novum Testamentum Graece*. Editado por Barbara e Kurt Aland et alli. 28. ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2012, com a nossa proposta de tradução.

² A perspectiva utilizada na análise é sincrônica, ou seja, aquilo que está dentro do texto (*intentio textus*), com atenção à finalidade e ao efeito produzido pela perícopes no leitor. As referências diacrônicas, aquilo que está por detrás do texto (*intentio auctoris*), típicas do método histórico-crítico não serão abordadas, pois a maioria dos comentários ao Evangelho lucano já menciona tais elementos. Um exemplo dessa forma de aplicação metodológica encontra-se em MAIA, T.M.C. *Um discurso e um método*, p. 15-18.

³ A presente análise evita uma comparação entre os dois anúncios do anjo Gabriel: a Zacarias e a Maria (1,8-25.26-38), pois tal abordagem é notória. De fato, é possível reconhecer diferenças como o local (Jerusalém e Nazaré, Templo e casa) e as pessoas envolvidas (homem e mulher, sacerdote levita e futura esposa davídica, idoso e jovem), além de semelhanças (aproximação angelical, transmissão da mensagem, resposta do interlocutor, gênero literário de anúncio e vocação). A perícopes lucana de 1,26-38 possui também pontos de contato com os anúncios presentes no Antigo Testamento, além do *Evangelho de Mateus*. Sobre isso, ver FITZMYER, J. A. *The Gospel according to Luke I-IX*, p. 334-339.

⁴ A Pontifícia Comissão Bíblica apresenta a tradicional distinção entre “autor real” e “autor implícito”, “leitor real” e “leitor implícito” de um texto bíblico, ao interno da *Análise narrativa*, a qual é apresentada como um dos *Novos métodos de análise literária*, em PONTIFÍCIA. *A interpretação da Bíblia na Igreja*, p. 50-53.

os Evangelhos da infância (1-2). O leitor deve, assim, imaginar o episódio que será apresentado como um desenvolvimento cronológico em relação ao episódio precedente, no qual o anjo Gabriel anunciou o nascimento de João Batista a Zacarias. Um evento sucede o outro. O número seis carrega consigo a simbologia semita em torno da criação humana no sexto dia (Gn 1,27-31). Tal número evidencia a proximidade com a perfeição, caracterizada pela plenitude do número sete. O leitor pode esperar algo relacionado à criação no decorrer da perícope. De fato, o anúncio anterior e a criação à imagem e semelhança de Deus são importantes para a compreensão daquilo que segue.

Após a indicação simbólico-temporal, a introdução narrativa menciona e caracteriza uma série de personagens em torno de dois verbos, em destaque no quadro abaixo com a tradução logo em seguida:⁵

^{1,26} ἀπεστάλη	ὁ ἄγγελος	Γαβριήλ
ἀπὸ		τοῦ θεοῦ
εἰς πόλιν		τῆς Γαλιλαίας
ἣ ὄνομα		Ναζαρέθ
...		
²⁷ πρὸς παρθένον	ἐμνηστευμένην	ἄνδρὶ
ᾧ ὄνομα		Ἰωσήφ
ἐξ οἴκου		Δαυὶδ
καὶ τὸ ὄνομα	τῆς παρθένου	Μαριάμ.
<u>foi enviado</u>	o anjo	Gabriel
da parte		de Deus
para uma cidade		da Galileia,
cujos nome [era]		Nazaré
...		
até uma virgem	<u>comprometida</u>	a um homem,
cujos nome [era]		José,
da casa		de Davi,
e o nome	da virgem	[era] Maria.

Os dois verbos estão relacionados a dois personagens que se sobressaem e serão protagonistas no diálogo. Ambos possuem características que os acompanham: o anjo Gabriel foi enviado e a virgem Maria é comprometida. A primeira parte da introdução narrativa (1,26) apresenta a origem do mensageiro (Deus) e o seu destino (Nazaré na Galileia), enquanto que a segunda (1,27) indica o relacionamento da jovem (José) e o seu destino (casamento). A maior atenção dedicada ao anjo e à virgem prepara o leitor para o encontro entre estas duas figuras que representam realidades distintas.

O início ocorre na esfera divina, como indicado pelo verbo ἀπεστάλη (foi enviado): um passivo divino que sugere uma ação pontual e irrepetível (aoristo), o envio do anjo ocorreu uma única vez! A preposição ἀπὸ (da parte de) mostra Deus como o ponto de partida, enquanto que a sucessiva preposição εἰς (para) indica o destino. O leitor deve imaginar a coorte celeste na esfera divina (Jó 1,6; 2,1) como a origem angélica e, logo em seguida, a πόλις (cidade) de Nazaré como o local da realização de uma missão. Nazaré é citada como uma cidade, mas na verdade era um insignificante vilarejo da

⁵ Meynet R. *L'Évangile de Luc*, p. 61, analisa os termos de forma análoga sob o ponto de vista da análise retórica.

semipagã região da Galileia.⁶ A localidade assume importância graças à intervenção divina e não pelo seu possível desenvolvimento social, econômico ou político.

Deus não é indicado como Aquele que habita as alturas, mas é o personagem de maior relevo que estabelece o contato com o personagem de menor destaque no contexto da época (Maria), mediante um mensageiro (Gabriel). Por isso é perceptível a intenção lucana de evidenciar um movimento vertical, uma descida qualitativa da esfera divina em direção à humana. O evangelista sublinha as características dos personagens para evidenciar que este movimento primordial não é espacial, mas qualitativo, o qual pode ser delineado do seguinte modo:

DEUS → Gabriel → GALILEIA → NAZARÉ → José → Maria

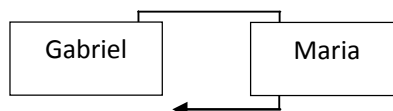
Após a caracterização dos personagens, o cenário para a realização do diálogo está pronto, basta o encontro entre o anjo e a virgem.

2.2 Introdução discursiva

Após a “descida”, o autor indica outro movimento realizado por Gabriel: ingresso e egresso. O encontro dialógico entre as duas realidades (angelical e humana) é emoldurado pelo verbo ἔρχομαι (ir, vir) precedido por duas distintas preposições: εἰς (para) e ἀπό (desde, de junto de). A entrada e a saída repetem os mesmos elementos sintáticos e semânticos: a conjunção introdutiva καί (e), o anjo como sujeito e o pronome que se refere a Maria como complemento verbal.⁷ A oposição verbal caracteriza a presença de um paralelismo antitético, o qual possui a função literária da inclusão do diálogo entre os dois personagens:

1,28a καὶ εἰσελθὼν	πρὸς αὐτήν	...
38d καὶ ἀπῆλθεν	ἀπ’ αὐτῆς	ὁ ἄγγελος
e entrando	até ela	...
e foi	de junto dela	o anjo

O evangelista utiliza os verbos do ponto de vista da virgem, pois o anjo entra no local e depois se retira, ele é o personagem exterior. O leitor é, assim, colocado “ao lado” de Maria para acompanhar o desenvolvimento do diálogo, devendo imaginar o local onde a virgem se encontra. É possível delinear este segundo movimento do seguinte modo:



O processo comunicativo provocará resultados distintos em relação aos personagens, pois a figura angelical completa a sua missão e permanece a mesma, enquanto que a figura humana será completamente diferente ao término do diálogo. O leitor acompanha este desenvolvimento e percebe tal mudança. Os dois movimentos, portanto, representam o nível narrativo principal da períclope, pois situam os personagens e preparam o leitor para o processo comunicativo que está por iniciar.

⁶ O vilarejo de Nazaré nunca é mencionado no Antigo Testamento, na literatura rabínica ou nos textos de Josefo Flávio. A Galileia é vista como uma região rejeitada e semi-pagã, diferentemente da Judeia. Assim, MILAZZO, C. *Israele, Maria, la Chiesa*, p. 22.

⁷ MEYNET, R. *L'Évangile de Luc*, p. 60.

3 O DIÁLOGO COMO MANIFESTAÇÃO DO ENCONTRO ENTRE O ANJO E A VIRGEM

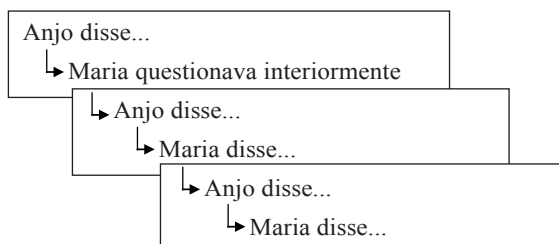
3.1 Apresentação do diálogo

Um tradicional diálogo entre dois personagens se realiza mediante o intercâmbio de falas entre eles. É natural que o primeiro faça uso da palavra e, em seguida, o segundo, para depois retornar ao primeiro e, assim, alternadamente. A presença das mesmas conjunções relacionadas a Gabriel e a Maria possibilita a estruturação do diálogo do seguinte modo:⁸

^{1,28} anjo	καὶ...	εἶπεν
²⁹ virgem	ἡ δὲ...	διελογίζετο
³⁰⁻³³ anjo	καὶ	εἶπεν
³⁴ virgem	εἶπεν δὲ	Μαριὰμ
³⁵⁻³⁷ anjo	καὶ...	εἶπεν
³⁸ virgem	εἶπεν δὲ	Μαριὰμ
	e...	disse
	ela, <u>então</u> ...	questionava
	e	disse
	disse, <u>então</u> ,	Maria
	e...	disse
	disse, <u>então</u> ,	Maria

A introdução de cada uma das falas se coloca como o nível narrativo secundário em relação ao nível narrativo principal, caracterizado pelos dois movimentos citados anteriormente.⁹ O diálogo foge, porém, dos modelos tradicionais, já que a primeira fala da jovem é, na verdade, algo interior, uma conversa consigo mesma. O verbo διελογίζετο (questionava) demonstra este aspecto interior e, ao mesmo tempo, conduz também o leitor ao questionamento íntimo de si mesmo. O interlocutor do Evangelho não é colocado somente “ao lado” de Maria, mas também “ouve a sua interioridade”.

As conjunções coordenativas ligadas a cada um dos personagens (Gabriel – καὶ e Maria – δέ) demonstram a intenção lucana de apresentar a fala do anjo e indicar a reação da virgem. O diálogo é construído mediante uma evolução, pois a fala de um personagem abre espaço à resposta do outro que provoca, em seguida, a nova intervenção do primeiro. Todas as falas estão, portanto, interligadas. Não é possível compreender uma fala fora do contexto global do diálogo. Cada personagem fala 3x, por isso é possível reconhecer três níveis interligados simetricamente que caracterizam o desenvolvimento comunicativo.¹⁰



⁸ ALDAY, S.C. *El evangelio según san Lucas*, p. 52-62, também analisa a perícopa nos moldes de um diálogo.

⁹ A conclusão do artigo esquematiza tanto o nível narrativo principal como secundário, além dos níveis discursivos presentes na perícopa de Lc 10,26-38.

¹⁰ SPINETOLI, O. *Luca*, p. 69, menciona uma estrutura dialógica dividida em três círculos concêntricos, mas não desenvolve a questão.

3.2 Gabriel saúda e Maria se questiona (1,28-29)

O início do diálogo apresenta algo elementar: a aproximação e a saudação. O anjo Gabriel encontra a virgem Maria e instaura o contato ao lhe dizer: χαῖρε, κεχαριτωμένη, ὁ κύριος μετὰ σοῦ (alegra-te, transformada pela graça, o Senhor está contigo). A breve fala apresenta três elementos tipicamente bíblicos: o convite à alegria (1,14; 2,10), a graça (Jl 2,21-27; Sf 3,14-20; Zc 9,9) e a presença de Deus (Jz 6,12).

Gabriel não cita o nome de Maria, como naturalmente seria esperado, mas lhe apresenta um novo nome ou título: transformada pela graça,¹¹ algo que ela jamais ouviu e que lhe provoca estupor. O lexema κεχαριτωμένη possui em sua raiz o verbo χαριτῶω (conferir uma graça). A terminação -ω indica, também, a transformação em relação à raiz verbal.¹² Por isso, a saudação pode ser entendida como agraciada ou transformada pela graça, optamos pela segunda possibilidade diante da proposta comunicativa, a qual evidencia que a jovem e o leitor percebem uma mudança desde o início do diálogo. O passivo divino é novamente utilizado: do mesmo modo que Gabriel foi enviado por Deus para Nazaré, também a graça é enviada por Deus para Maria.¹³ O destino da jovem não é somente o casamento com José, mas também a vivência na graça de Deus. O particípio perfeito reforça essa perspectiva, pois caracteriza a realização de um fato passado com efeitos contínuos no presente.¹⁴

A saudação angelical provoca uma reação na virgem: ἐπὶ τῷ λόγῳ (por causa da palavra) ela fala consigo mesma e o leitor acompanha esse diálogo interior provocado pelo termo κεχαριτωμένη. A reflexão é pessoal: Maria se questiona sobre o significado e o leitor deve se questionar sobre a transformação realizada pela graça. A presença de Gabriel não incomoda ou assusta a virgem, mas o sentido da saudação sim, pois é algo sem precedentes. A grandeza divina se aproxima da pequenez humana. A saudação do anjo exige que a virgem tenha uma nova compreensão de quem ela realmente é! Tem início um caminho de aceitação e compreensão da própria missão e identidade.

3.3 Gabriel anuncia um filho e Maria pergunta sobre a modalidade (1,30-34)

O segundo ciclo do diálogo tem início com a resposta do anjo ao interrogativo interior da virgem: μὴ φοβοῦ, Μαριάμ, εὖρες γὰρ χάριν παρὰ τῷ θεῷ (não te amedrontes, Maria, encontrei graça na presença de Deus). Ela não havia demonstrado temor, mas se questionava simplesmente sobre o significado da palavra que lhe fora dirigida, visto que não se menciona o mérito de receber a graça, mas essa é apresentada como algo gratuito.¹⁵ Não ocorre uma antítese entre a alegria na saudação inicial e o medo citado após o questionamento, mas a segunda fala do mensageiro retoma elementos citados na primeira fala, já que o substantivo χάρις (graça) e a presença de Deus equivalem ao verbo χαίρω (alegrar-se) e a citação da companhia divina. O questionamento é, assim, destacado por uma inclusão e o diálogo evolui mediante expressões que se repetem e assumem maior importância ao interno do processo comunicativo.

O anúncio do filho é o elemento principal da segunda fala do anjo. A exclusão do temor prepara a proposta da geração de uma vida, já preparada mediante a transformação

¹¹ A importância do nome novo no contexto hebraico é indicada por vários comentadores: FITZMYER, J.A. *The Gospel according to Luke I-IX*, p. 345; ROSSÉ, G. *Il vangelo di Luca*, p. 50; SPINETOLI, O. *Luca*, n. 29, p. 70.

¹² LAURENTIN, R. *Les Évangiles de l'Enfance du Christ*, p. 29-30.

¹³ MILAZZO C. *Israele, Maria, la Chiesa*, p. 24.

¹⁴ PERROT, C. *Marie de Nazareth au regard des chrétiens du premier siècle*, p. 218-219.

¹⁵ MAZZAROLO, I; KONINGS, J. *Lucas*, p. 22.

de Maria pela graça. O projeto divino é apresentado através de três verbos no futuro, especificamente na segunda pessoa do singular: o primeiro e o segundo na voz média, pois o aspecto materno estará envolvido na ação juntamente com aquele paterno, já o último verbo está na voz ativa, visto que Maria realizará uma ação direta sobre seu filho. O protagonismo da mãe é acentuado pela missão de dar o nome ao filho, função tipicamente paterna.

^{1,31} καὶ ἰδοὺ	συλλήμψῃ	ἐν γαστρὶ
καὶ	τέξῃ	υἶόν
καὶ	καλέσεις	τὸ ὄνομα αὐτοῦ Ἰησοῦν.
e eis [que]	conceberás	no ventre
e	darás à luz	um filho
e	chamarás	o nome dele Jesus.

O leitor se depara com algo que ocorrerá em seguida, no macro contexto do Evangelho da infância, com Isabel e a própria Maria: a mãe dá o nome ao filho (1,60-63; 2,21).¹⁶ Os personagens envolvidos, direta e indiretamente na perícopia, têm os nomes citados: Γαβριήλ (Gabriel) significa “força de Deus”,¹⁷ Μαρία (Maria) significa “excelência”¹⁸ e Ἰωσήφ (José) significa tanto “Deus retirou [a minha vergonha]” como “que o Senhor me dê outro [filho]” (Gn 30,23-24),¹⁹ por isso o nome da criança também é mencionado: Ἰησοῦς (Jesus), o qual significa “JWHW é salvação”.²⁰ O leitor atento percebe, assim, que o significado hebraico do nome do menino sugere sua missão: a intervenção soteriológica que se realizará ao longo do Evangelho.

Após o anúncio do filho (elemento principal), o mensageiro realiza uma expansão literária, ao citar algo que supera o alcance materno: as qualidades existenciais do filho.

^{1,32-33} οὗτος ἔσται	μέγας
καὶ υἱὸς ὑψίστου	κληθήσεται
ele será	grande
filho do Altíssimo	será chamado
καὶ δώσει αὐτῷ κύριος ὁ θεὸς τὸν θρόνον Δαυὶδ τοῦ πατρὸς αὐτοῦ	
→	καὶ βασιλεύσει ἐπὶ τὸν οἶκον Ἰακώβ εἰς τοὺς αἰῶνας
→	καὶ τῆς βασιλείας αὐτοῦ οὐκ ἔσται τέλος.
e o Senhor Deus dará a ele o trono de Davi, seu pai,	
→	e reinará sobre a casa de Jacó para a eternidade
→	e o seu reinado não terá fim.

As primeiras características são apresentadas de modo paralelístico em forma de quiasmo, com dois verbos no indicativo futuro. A grandeza e a relação direta com Deus criam expectativa, tanto na futura mãe que ouve o anúncio, como no leitor que imagina a realização de tais atributos. Altíssimo é um típico lexema lucano e acompanha a

¹⁶ A prática não é uma novidade, pois alguns casos veterotestamentários como Sansão (Jz 13,24) e Samuel (1Sm 1,20) já demonstram a ação materna em relação ao nome do filho.

¹⁷ WAKELY, R. נְבִי, p. 789.

¹⁸ FITZMYER, J.A. *The Gospel according to Luke I-IX*, p. 344.

¹⁹ GILCHRIST, P.R. יֵשׁוּעַ, p. 631-632.

²⁰ RENGSTORF, K.H. Ἰησοῦς, p. 1075-1077.

filiação vista como proximidade com Deus. Além do anjo, também os espíritos (4,41; 8,28) e o próprio Jesus (22,70) reconhecerão tal proximidade, mas outras pessoas não, diferente do que ocorre nos demais Evangelhos sinóticos (Mt 14,33; 16,16; 27,54; Mc 15,39).²¹ Aquilo que os personagens evangélicos não reconhecerão, o leitor já sabe desde o início e as ações de Jesus serão uma prova de tudo isso. As características seguintes expandem a inicial menção da descendência davídica de José (1,27), algo que parecia vago e que agora possibilita uma maior compreensão da missão do filho que se destaca pela grandeza e proximidade com o Altíssimo. Isso garante ao filho de Maria três elementos: o trono davídico, o reinado sobre a casa Jacó e a sua estabilidade. Segundo Tanhehill, a comunidade lucana possuía membros vindos do judaísmo, ligados tanto às antigas tribos do sul como às do norte, por isso a menção de Davi (Judá) e Jacó (Israel).²² Essa declaração provocaria, ainda, efeitos distintos nos leitores reais/históricos da comunidade lucana, pois a realização da promessa messiânica chama a atenção do cristão de proveniência judaica, já a magnitude temporal se destaca para o cristão de origem pagã.

Após a extensa fala angelical, o inicial questionamento interior da virgem se transforma em algo exterior. A primeira fala do anjo citava a transformação pela graça e isso provocou a reação de Maria, agora a concepção de um filho a leva a uma interrogação.

^{1,34} πῶς ἔσται τοῦτο, ἐπεὶ ἄνδρα οὐ γινώσκω;
como será isso, porque homem não conheço?

A jovem pensa a um procedimento humano, à geração da vida do modo tradicional, já que o verbo γινώσκω (conheço) é um eufemismo ao relacionamento sexual (Gn 24,16; Jz 11,39).²³ A dúvida não diz respeito à geração da vida, mas à modalidade da concepção como mostra o uso da conjunção πῶς (como). A virgem já está unida legalmente ao marido, durante a primeira etapa do casamento judaico que durava, aproximadamente, um ano, mas eles ainda não moravam juntos. A objeção da jovem, de acordo com Pellegrino, é um elemento tipicamente lucano, fazendo parte da sua arte narrativa (1,18; 9,13-14; At 22,19-20) para introduzir, nesse caso, a questão da concepção virginal de Jesus.²⁴

Após inicial indicação da qualidade da mãe, como uma pessoa transformada pela graça, e das várias características do filho, como alguém de suma importância e com um reinado excepcional, faltam as qualidades do pai para completar o ciclo familiar. O leitor percebe que a comunicação angelical foi clara, mas o empecilho paterno apresentado por Maria exige uma nova fala do enviado divino que responderá acerca da modalidade da concepção e indicará, também, a paternidade de Jesus.

3.4 Gabriel anuncia a modalidade e Maria demonstra disponibilidade (1,35-38)

^{1,35} πνεῦμα ἅγιον	ἐπελεύσεται ἐπὶ σέ
καὶ δύναμις ὑψίστου	ἐπισκιάσει σοι
Espírito Santo	descerá sobre ti
e poder do Altíssimo	envolverá a ti

²¹ SABOURIN, L. *Il Vangelo di Luca*, p. 66.

²² TANNEHILL, R.C. *Luke*, p. 49.

²³ FITZMYER, J.A. *The Gospel according to Luke*, p. 348.

²⁴ PELLEGRINO, C. *Maria di Nazaret, Profezia del Regno*, p. 144-147.

O anúncio da modalidade de concepção é o elemento principal da terceira e última fala do anjo. Esta intervenção equivale à segunda no que diz respeito à extensão e ao uso de um paralelismo, desta vez, sinonímico.

As expressões Espírito Santo e poder do Altíssimo iniciam cada um dos segmentos textuais e pertencem ao mesmo campo semântico. Além do mais, ambas são consideradas sinonímicas e apresentam elementos já citados anteriormente na obra lucana (1,17) e que retornarão no início do ministério de Jesus na Galiléia (4,14). A citação desta realidade enigmática responde a dúvida acerca da modalidade da concepção, além de especificar a paternidade do filho, pois o relacionamento sexual com José é definitivamente excluído. De acordo com Fabris e Maggioni, “nesta perspectiva, a concepção virginal de Jesus que Lucas claramente afirma está em função da cristologia, isto é, serve para apresentar ou definir a pessoa e a tarefa de Jesus, o Cristo”.²⁵ A dúplice menção da virgindade na inicial ambientação do diálogo (1,27) assume uma importância ainda maior por indicar que a única parte humana envolvida é aquela de Maria, a qual já estava unida legalmente ao marido, mas é a união com Deus que possibilita a geração de uma nova vida. A virgem sozinha não gera um filho, porém a sua disponibilidade juntamente como a assistência divina sim!

O tempo dos dois verbos é o futuro, com o segundo dependendo do primeiro como demonstra a voz de cada um deles: Espírito descera (voz média) indica o envolvimento de Maria com a sua disponibilidade na ação, já poder do Altíssimo envolverá (voz ativa) mostra que a ação é somente divina. Ambos os verbos possuem a preposição ἐπί (sobre; ἐπέρχομαι [descer] e ἐπισκιάζω [envolver]), a qual indica um movimento de descida espacial distinto daquele qualitativo do início da perícope.²⁶ O verbo ἐπισκιάζω tem em sua raiz o termo σκιά (nuvem), elemento que indicará no episódio da transfiguração (9,34) a presença do próprio Deus. O leitor começa, assim, a se acostumar com a típica linguagem lucana relacionada ao Espírito Santo.

Após o anúncio da modalidade de concepção (elemento principal), o mensageiro realiza uma nova expansão literária: outras as qualidades do filho como a sua santidade e a sua filiação divina²⁷. Essa expansão aproxima, ainda mais, a segunda e a terceira falas do anjo. O sinal probatório de Isabel, enfim, conclui a intervenção de Gabriel e parece destoar do contexto comunicativo, assim como o inicial convite para que Maria não tivesse medo. A virgem não havia requerido qualquer prova para atestar a proposta divina, mesmo assim o anjo menciona a gravidez da parente estéril para reforçar a excepcionalidade do singular evento e citar o poder de Deus diante daquilo que parece impossível. O sinal serve também para aludir à família de Maria, já que o cepo de José já fora citado na ambientação do diálogo (1,27). De fato, ela foi apresentada inicialmente em relação a José, mas com o desenvolvimento do diálogo a jovem ganha cada vez mais importância e a ocorrência de algo extraordinário na sua própria família demonstra esta evolução. O sinal de Isabel cita algo que o leitor já sabe, mas Maria ainda não.

O diálogo é encerrado com a última fala de Maria, a qual se demonstra aberta à maternidade, um elemento recorrente no Evangelho lucano (8,19-21; 11,27-28). Após κεχαριτωμένη, o nome ou título novo indicado pelo anjo, Maria se autodenomina δούλη (serva), um adjetivo que não é uma redução em relação ao vocábulo anterior, mas é o entendimento da própria missão. Assim como κεχαριτωμένη foi ligado a λόγος (palavra),

²⁵ FABRIS, R.; MAGGIONI, B. *Os Evangelhos II*, p. 32.

²⁶ O Antigo Testamento indica a descida do Espírito do Senhor sobre uma pessoa e utiliza a preposição על traduzida pela LXX como ἐπί: o juiz Otoniel (Jz 3,10) e o rei Saul (1Sm 19,23).

²⁷ O autor do Evangelho não deseja desenvolver a doutrina trinitária nestes versículos, mas apenas apresentar a ação divina mediante os seguintes lexemas: Espírito Santo, Altíssimo e filho de Deus. Cf. FITZMYER, J.A. *The Gospel according to Luke*, p. 351.

pois havia provocado o questionamento interior em Maria, também *δοῦλη* é ligado a *ῥῆμα* (palavra), já que o serviço tem como base a confiança na promessa manifestada mediante a palavra divina. A disponibilidade da virgem é um ato declarativo, pois modifica tanto o estado pessoal de Maria, como os eventos que acontecerão em seguida na narração evangélica.²⁸

O leitor acompanhou o diálogo e, após a saída do anjo, poderá compreender o extenso processo comunicativo na sua globalidade, além de realizar a absorção do denso conteúdo proposto. Todo o processo comunicativo pode ser estruturado do seguinte modo, com distinções em relação aos níveis narrativo/discursivo, com elementos principais/secundários, além da expansão literária nas falas angelicais que citam as características do filho:

NÍVEL NARRATIVO		NÍVEL DISCURSIVO	
<i>Principal</i>	<i>Secundário</i>	<i>Principal</i>	<i>Secundário</i>
1,26-27	Movimento ↓		
28a	Movimento →		
28b	Anjo disse	Saudação	
29	Maria questionava	Significado da palavra	
30-33	Anjo disse	Anúncio do filho	* Exclusão do temor
			Características do filho
34	Maria disse	Modalidade da concepção?	
35-37	Anjo disse	Anúncio da modalidade	
			Características do filho
			* Sinal probatório
38	Maria disse	Disponibilidade à palavra	
38d	Movimento ←		

4 CONCLUSÃO

A análise da ação e das características dos sujeitos apresentados no diálogo simétrico demonstra que Gabriel continua o mesmo do início ao fim, enquanto Maria recebe novas designações e aceita uma mudança radical em sua vida. Esse processo comunicativo mostra também que o anjo mediador entre a esfera divina e humana, apresentadas no início, é substituído pelo filho de Deus que instaura um novo elo entre a divindade e a humanidade. Essas alterações são caracterizadas pelos seguintes movimentos: descendente qualitativo e ingressivo/egressivo. Os movimentos são de índole teológica, pois demonstram a interpretação de um fato e não a narração histórica e literal do acontecimento.

O anúncio do anjo à virgem é comunicado pelo autor do Evangelho de modo coerente e facilmente delineável: o acontecimento e o cenário são rapidamente apresentados (parte narrativa) e, em seguida, várias etapas são desenvolvidas até chegar ao ápice na disponibilidade da jovem (parte discursiva). Cada fala está interligada com as demais, pois alguns lexemas e expressões se repetem e procedimentos literários como o paralelismo, a inclusão e a expansão de temas já citados demonstram a riqueza comunicativa da perícope e caracterizam todo o processo como algo em evolução.

²⁸ GRILLI, M. Parola di Dio e linguaggio umano, p. 530-531.

O autor sublinha a concepção virginal e menciona elementos que caracterizarão Jesus ao interno da sua obra literária.²⁹ O leitor real/histórico do texto recebe, assim, uma resposta ao possível ceticismo em relação ao nascimento virginal³⁰ e à natureza divina de Jesus, pois desde o início o filho está ligado a Deus e não a José. O evangelista apresenta, ainda, a figura de Maria como o modelo de disponibilidade a Deus, um modelo do fiel que passa por uma mudança radical na própria vida.³¹ O leitor implícito/modelo encontra, também, temas que serão desenvolvidos ao longo do Evangelho: a ação do Espírito Santo (2,26-27; 3,21-22; 4,1.18), a presença de diferentes tipos de mulheres (2,36-38; 7,11-17.36-50; 8,40-56; 13,10-17) e o valor da alegria (2,10-11; 10,17-20; 15,5-7.9-10.32).³²

A perícopes é cristológica (anúncio) com particularidades mariológicas (narração vocacional)³³ e possibilita a percepção da ação divina na vida de uma jovem da Galileia como reflexo daquilo que ocorrerá com muitos discípulos e personagens ao longo do Evangelho.

O processo comunicativo termina com a partida do anjo, uma conclusão aberta, pois não é possível determinar o momento da concepção, quando o Espírito Santo desce e o poder do Altíssimo envolve a virgem. Tanto o leitor real/histórico da comunidade lucana como aquele implícito/modelo que lê o Evangelho deverão responder a este e tantos outros questionamentos ao longo do caminho de compreensão de si mesmos e do próprio Cristo proposto pelo evangelista.³⁴

REFERÊNCIAS

- ALDAY, Salvador Carrillo. *El evangelio según san Lucas*. Estella: Verbo Divino, 2009.
- FABRIS, Rinaldo; MAGGIONI, Bruno. *Os Evangelhos II*. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2006.
- FITZMYER, Joseph A. *The Gospel according to Luke I-IX*: Introduction, Translation, and Notes. 2. ed. Garden City: Doubleday, 1986.
- GILCHRIST, Paul R. יֵשׁוּעַ. In: HARRIS, R. Laird; ARCHER Jr., Gleason L.; WALTKE, Bruce K. (Org.). *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1998, p. 630-632.
- GRILLI, Massimo. Parola di Dio e linguaggio umano: Verso una pragmatica della comunicazione nei testi biblici. *Gregorianum*, Roma v. 94, n. 3, p. 525-547, 2013.
- LAURENTIN, René. *Les Évangiles de l'Enfance du Christ: Verité de Noël au-delà des mythes, exégèse et sémiotique – historicité et théologie*. Paris: Desclée de Brouwer, 1982.
- MAIA, Tânia Maria Couto. *Um discurso e um método: Abordagem pragmatolinguística do texto de Jo 5,19-47 na perspectiva da unidade de sua comunicação*. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Teologia, 2015.
- MAZZAROLO, Isidoro; KONINGS, Johan. *Lucas: o evangelho da graça e da misericórdia, comentário-paráfrase*. São Paulo: Loyola, 2016.
- MEYNET, Roland. *L'Évangile de Luc: rhétorique sémitique*. Paris: Lethielleux, 2005.
- MILAZZO, Calogero. *Israele, Maria, la Chiesa: commento a Luca 1-2*. Roma: Città Nuova, 2010.

²⁹ ROSSÉ, G. *Il vangelo di Luca*, p. 54.

³⁰ ROSSÉ, G. *Il vangelo di Luca*, p. 58.

³¹ PERROT, Marie de Nazareth au regard des chrétiens du premier siècle, p. 233-235.

³² A teologia lucana é caracterizada pela apresentação de grandes temas teológicos como a importância de Jerusalém, a apresentação da salvação, a ação do Espírito Santo, a vivência da oração, a relação entre os bens materiais e a pobreza, a abertura à universalidade, o protagonismo feminino, o entusiasmo provocado pela alegria e a necessidade da misericórdia. Cf. MOREIRA, G.L. *Lucas e Atos*, p. 33-71.

³³ ROSSÉ, G. *Il vangelo di Luca*, p. 60.

³⁴ TANNEHILL, R.C. *Luke*, p. 47.

- MOREIRA, Gilvander Luís. *Lucas e Atos: uma teologia da história, teologia lucana*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2012.
- NESTLE-ALAND. *Novum Testamentum Graece*. Editado por Barbara e Kurt Aland et alli. 28. ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2012.
- PELLEGRINO, Carmelo. *Maria di Nazaret, Profezia del Regno: un approccio narrativo a Lc 1,34*. Roma: Gregorian & Biblical Press, 2014.
- PERROT, Charles. *Marie de Nazareth au regard des chrétiens du premier siècle*. Paris: CERF, 2013.
- PONTIFÍCIA Comissão Bíblica. *A interpretação da Bíblia na Igreja*. São Paulo: Paulinas, 1994. Disponível em: <http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/pcb_documents/rc_con_cfaith_doc_19930415_interpretazione_po.html>. Acesso em: 01 maio 2017.
- RENGSTORF, Karl Heinrich. Ἰησοῦς. In: COENEN, Lothar; BROWN, Colin (Org.). *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2000. p. 1075-1077.
- ROSSÉ, Gérard. *Il vangelo di Luca: Commento esegetico e teologico*. 5. ed. Roma: Città Nuova, 2001.
- SABOURIN, Leopold. *Il Vangelo di Luca: introduzione e commento*. Roma: Pontificia Università Gregoriana, 1989.
- SPINETOLI, Ortensio de. *Luca: Il Vangelo dei poveri*. Assisi: Cittalella, 1982.
- TANNEHILL, Robert C. *Luke*. Nashville: Abingdon Press, 1996.
- WAKELY, Robin. נָבִי. In: VANGEMEREN, Willem A. (Org.). *Novo Dicionário Internacional de Teologia e Exegese do Antigo Testamento* (v. I). São Paulo: Cultura Cristã, 2011. p. 781-790.

Recebido em: 19/05/2017

Aprovado em: 24/05/2017

Diones Rafael Paganotto
Colégio Santo Agostinho
Rua Santa Mônica, 379 – Jardim Oriental
19901-738 – Ourinhos – SP – Brasil